

## Correios (281)

Esio Antonio Pezzato

**C**oisa de bem mais de meio século, quando Piracicaba contava com uma população estimada em cem mil habitantes, quando todo mundo conhecia todo mundo, quando os limites da área urbana mal chegavam ao Cemitério da Saudade, abaixo dele tudo chácaras e terras inabitadas, quando quem residia perto da Esalq morava assim no dizer... "nos cafundó dos Judas", quando a avenida 31 de Março era um emaranhado de córregos e muita mata, e a molecada chamava o lugar pelo nome "Olho de Nhá Rita", ou no popular mesmo: "Idanharita", ou algo assim, e eu e meus amigos vivíamos lá para caçar passarinhos, que a Estação da Paulista limitava o urbano e o além dela o nosso imaginário quase infantil, rodeado de lendas e muito "ouvi dizer..."

Bem, Piracicaba era mesmo pequena e todos se conheciam, ou sabiam um dos outros quem era quem.

Meu pai, que trabalhava na Companhia Telefônica Brasileira, ou CTB, como guardafios, era aquele que cuidava para que Piracicaba falasse com outras cidades, jamais deixando que a interrupção durasse além do necessário, se deslocando para ir até o local de possível acidente, que



podia ser um ninho de João de Barro, que causava interferência em duas linhas, ou um isolador quebrado por um moleque da zona rural com seu estilingue, ou ainda uma tempestade que derrubava postes... e isso meu pai Lasinho Pezzato, o Bepe, e seu amigo seo Beccari fizeram durante quase quarenta anos...

Mas voltando ao passo inicial: Piracicaba era pequena demais. Todos se conheciam mesmo. E meu pai, o motivo dessa crônica que começa aqui, de fato, era também um grande criador de canários. E criava muito mesmo. No fundo de nossa casa, havia uma casinha de três cômodos apinhada de gaiolas. E de setembro a março e abril de cada ano, centenas de filhotes de canários eram chocados. Meu

pai ganhava uma nota preta com isso. Eram outros os tempos.

Mas meu pai como criador de canários era tão conhecido, que certa vez chegou a nossa casa uma carta que dizia apenas isso: "Lasinho, criador de canários, Piracicaba".

E a carta veio assim. Era alguém perguntando sobre canários, com certeza. Meu pai não guardou a referida carta, mas sempre ele a citava e achava interessante demais receber uma carta sem endereço e o Correio ter entregue a carta assim mesmo...

Mas isso eram coisas do século passado, coisa de 1950... Acontecer isso hoje é ou seria quase impossível. Hoje você vai enviar uma carta, quando envia uma carta, pois o celular faz isso por vários aplicativos, o computador também faz a comunicação rápida, e receber uma carta via Correio hoje é quase um absurdo.

Além do nome completo precisamos anotar o endereço também correto e o bairro, e a cidade, e o Estado e o CEP, que muda dentro da mesma rua... Um horror...

Portanto, hoje, enviar uma carta é quase uma afronta. A não ser que seja uma carta especial ou uma encomenda que o Correio faz isso muito bem...

Mas os tempos mudaram. Piracicaba hoje cresceu. Ninguém mais conhece ninguém, nem mesmo seu vizinho de rua, ou de mesmo andar...

E foi assim que surpreso recebi na casa da minha mãe, uma carta a mim endereçada de uma biblioteca de Fortaleza. Ela traz meu nome e o endereço. O CEP está errado e não consta o nome da cidade!

E não é que a carta postada em Fortaleza dia 2 de junho último, chegou em casa dia oito de junho? Como foi que isso aconteceu? Bem, a Thelma Silva Mattos, que não conheço pessoalmente, me pede uns livros para uma Biblioteca Comunitária João Rodrigues de Mattos, que fica na avenida João Batista Rios, 2719, Cep 62.590-000 em Itarema, Ceará. Esse é o endereço completo. Eu vou enviar alguma coisa e espero que você também tendo alguns livros em sua casa, possa enviar para esse local.

Pois é isso... Sempre soube que o Correio é algo sério e confiável. Depois dessa só tenho que mais ainda elogiar essa instituição que tanto merece e é tão pouco elogiada.

Bom Domingo a todos.

**Esio Antonio Pezzato - é poeta e cronista caipira nato. E-mail esio poeta@bol.com.br**

